

Quando a mãe
morreu, o jovem
de 22 anos
prometeu manter
a família unida

AMOR fraterno

POR TOM HALLMAN, JR.

ANTONIO SEAY sentou na beira da cama com a fotografia nas mãos. O retrato fora tirado anos antes, na faculdade. Passou a mão pela imagem, limpando a poeira.

“Esqueça o passado”, disse a si mesmo, deixando a foto cair na colcha azul. E voltou a atenção para a correspondência do dia: uma pilha de contas e documentos que as autoridades exigiam, antes de considerarem adiar o pagamento do empréstimo de 20 mil dólares para custear a universidade. Suspirou e jogou os enve-



A partir da esquerda:
Corrian, Keyera,
Antonio, Shronda e
Torrian em frente à
casa onde moram,
em Miami.



lopes na outra extremidade da cama, depois recostou-se no travesseiro.

Dois dos seus colegas de faculdade haviam ligado. Tinham carreiras sólidas e polpidos salários. Um estava para se casar. Antonio também desejava essas coisas. Planejava estudar Direito ou se tornar policial. Em vez disso, aos 25 anos, estava preso a uma casa simples de um bairro pobre, em Miami. As baratas passeavam na bancada da cozinha. Os utensílios domésticos eram velhos. Os pisos, mesmo no quarto, eram de um linóleo gasto. As paredes, encardidas, revelavam décadas de uma vida difícil.

Antonio olhou mais uma vez a foto do jovem cheio de sonhos. Em seguida, levantou-se da cama e saiu, deixando a casa, que mais parecia uma toca.

Os acordes de um *rap* ecoavam de algum lugar na noite. Adiante, na rua, alguém gritou. Os pneus de um carro cantaram. Antonio caminhou por uma passagem cheia de lixo e virou-se para observar sua casa. O mesmo lugar de onde havia jurado fugir. Fechou os olhos e ouviu a voz da mãe. Ela pediu que a levasse de carro ao mercado naquele dia. Foi nesse momento que sua viagem começou – quatro anos atrás.

ERA UMA TARDE quente de agosto em 2002 quando Antonio abriu as janelas do carro, afastando-se do meio-fio. Quase não prestava atenção ao triste bairro em que ele, os dois irmãos e as duas irmãs moravam com a mãe, Dorothea. Em pensamento, já vivia no futuro.

Primeiro da família a ingressar em um curso superior, em dez meses ele se especializaria em Administração na Faculdade St. Peter, em Nova Jersey, e teria como cadeira secundária um curso de Justiça Criminal.

Olhou para a mãe que se sentou, calada, no banco da frente. Ela era sua inspiração, a força de uma família sem a presença do pai. Nunca reclamava. Tudo o que queria era que os filhos fossem inteligentes o bastante para evitar os erros que ela cometera.

“Querido”, disse suavemente, “tenho uma coisa para lhe dizer.”

Antonio gelou. Quando a mãe falava assim, ele sabia que era algo grave.

“Sei que deveria ter lhe contado”, disse ela. “Mas não sabia como.” Fez uma pausa, procurando as palavras. “Preciso lhe dizer: eu tenho HIV.”

Antonio ficou calado. Apertou o volante com as mãos.

“Querido”, disse ela, “vou morrer.”

ANTONIO VOLTOU para a faculdade, e toda semana conversava com a mãe pelo telefone. Soube que tinha sido infectada por um homem em quem ela confiava e a quem amava. Quando ficou doente, os exames revelaram que o vírus evoluíra para um estágio avançado de Aids. No entanto, a mãe ainda estava viva quando o filho se formou e voltou para casa, em maio. Dois meses depois, foi internada num hospital, e logo em seguida, numa instituição para pacientes terminais.

Sua morte destruiria a família. Antonio poderia viver sozinho, mas só se deixasse as irmãs Shrona, 15 anos, e



coisa, mas por que não? Conversou a respeito com amigos. Alguns admiraram sua coragem. Outros disseram que, se tivesse um pouco de juízo, fugiria e largaria aquilo tudo. Ele sabia que os irmãos seriam um fardo.

Teria de adiar qualquer sonho de uma vida melhor por no mínimo oito anos, até a irmã mais nova completar 21. Calculou que conseguiria algum auxílio do governo, mas não tinha emprego e nenhum meio de se sustentar.

Talvez fosse melhor para todos se a família se separasse. Poderiam começar do zero. A escolha era clara: abandoná-los ou abandonar os próprios sonhos. Rezou e pediu orientação para fazer a coisa certa.

UMA ADVOGADA O ajudou a se preparar para o tribunal.

Todos na casa têm tarefas: Antonio corta o cabelo de um Corrian relutante.

Keyera, 13, e os irmãos gêmeos de 14 anos, Torrian e Corrian.

Tios e tias moravam próximos. Os demais parentes viviam em outros Estados. Mas nenhum se ofereceu para tomar conta dos adolescentes. Eles ficariam sob a tutela do Estado e seriam enviados para lares de adoção.

Então ele teve uma idéia maluca. E se obtivesse a custódia legal dos irmãos? Nunca tinha ouvido falar de tal

Certo dia, em agosto de 2003, Antonio estava no escritório da advogada, exatamente um ano depois de sua mãe ter lhe dado a notícia de que estava doente, quando uma enfermeira da instituição telefonou. Dorothea havia morrido.

Horas depois, ele reuniu os irmãos e falou francamente sobre o futuro. “Nós temos de ser fortes”, disse, chorando. “Não é o fim do mundo porque mamãe se foi. Ainda somos uma família, e continuaremos a ser, não importa o que aconteça. Nós temos de nos apoiar uns nos outros.”

UMA SEMANA após o funeral, Antonio já vivia por conta própria. Aguardava a audiência no tribunal, na esperança de que o juiz não o considerasse um tolo, mas uma pessoa desejosa de se tornar uma figura paterna.

Na audiência, a juíza pediu que Antonio e os irmãos ficassem de pé.

- Você parece jovem - disse a Antonio. - Quantos anos tem?

- Vinte e três - respondeu ele.

- Essa é uma grande responsabilidade - disse a juíza. - A maioria dos homens às vezes nem quer tomar conta dos próprios filhos e você vem aqui para pleitear a responsabilidade legal sobre seus irmãos?

A juíza analisou os documentos fornecidos pela advogada.

- Você é digno de respeito - disse a juíza, antes de voltar a atenção para os irmãos de Antonio. - Vocês querem ficar com ele?

- Sim - responderam.

Cinco minutos depois, a audiência terminava. Antonio assinou papéis, entrou no carro e levou a família para casa, disposto a recomeçarem a vida.

- "TEM" DEVER DE CASA? - perguntou Antonio.

- Não tenho nenhum - disse Keyera. Antonio franziu a testa.

- Quero dizer - acrescentou ela rapidamente -, não tenho nenhum *hoje*.

Ele então perguntou a Corrian como tinha sido o dia na escola.

- Hoje tive de voltar a pé para casa - resmungou o irmão. - Não tinha di-

nheiro para o ônibus porque precisei pagar 15 dólares por aquela mochila que perdi. Ainda estou sem dinheiro.

- A responsabilidade é sua - disse Antonio. - Você perdeu a mochila. Em vez de pegar o ônibus, pode andar a pé por um tempo. A cada passo aprenderá a ser mais cuidadoso.

Antonio se virou para ter certeza de que os irmãos não conseguiriam ver seu sorriso. Lembrou-se do quanto era ingênuo quando começou a tomar conta da família. Queria que gostassem dele e fazia poucas exigências. Mas a família estava se desintegrando. As notas na escola eram horríveis, eles não faziam os deveres de casa e ninguém ajudava nas tarefas domésticas.

Então, uma noite, Antonio se trancou no quarto e fez uma avaliação dos irmãos como se fosse um chefe insensível. As notas de Shrona eram péssimas porque ninguém a incentivava a estudar. Corrian era um "maria-vai-comas-outras", sempre metido em confusão porque os amigos o manipulavam. Torrian adorava dissimular e não tinha medo de ser apanhado em falta. Keyera se preocupava demais com tudo e não acreditava em si mesma.

Antonio reuniu a família. Ficou de pé na frente dos irmãos, andando de um lado para o outro, certificando-se de que entendiam o que estava dizendo. "Somos tudo o que temos no mundo", disse ele. "Temos de ser bem-sucedidos na vida. Isso faria mamãe feliz."

Antonio fez anotações em quatro pedaços de papel. Depois, andou até a cozinha e afixou-os na geladeira. "Tarefas", disse ele. Os irmãos chiaram:

lavar a louça, o banheiro e a cozinha. Jogar fora o lixo. Limpar a sala. Todos tinham tarefas, e aos sábados trabalhavam juntos.

Os irmãos disseram que Antonio era rígido demais. Mas ele estava apenas começando: impôs um horário para chegarem em casa; os deveres seriam feitos no prazo; leria todos os trabalhos e ajudaria a resolver os problemas de Matemática. Pediu a cada um que encontrasse uma paixão, um *hobby*, um esporte, algo que os fizesse ver que o mundo era muito maior do que o bairro onde moravam. O futuro deles não seria nas ruas ou nas mãos de traficantes de drogas. Os irmãos iriam para a faculdade, como ele tinha feito.

Com o tempo, as notas de Shrona foram de C e D para A. Corrian jogava no time de futebol americano. Torrian descobriu que gostava de cantar e entrou para o coral da escola. Keyera e a irmã se juntaram ao grupo de dança da igreja. Em dezembro de 2003, Antonio conseguiu um emprego como conselheiro de jovens em uma organização sem fins lucrativos. Como tinha horário regular, chegava em casa todos os dias a tempo de fazer o jantar dos irmãos. Assistia aos jogos de futebol, às apresentações da igreja e às reuniões de pais e mestres. E todo mês colocava um pouco de dinheiro na conta de poupança de cada um deles.

NAQUELA NOITE de 2006, com a velha fotografia e as contas sobre a cama, Antonio foi até a passagem cheia de lixo do lado de fora de casa. Lá, viu Corrian conversando com alguns garotos. Antonio era conhecido na vizinhança por ser rígido – não tolerava pessoas paradas na rua, ou entrando e saindo de sua casa sem motivo. De repente, viu um possante jipe cor de cobre, vindo devagar pela rua. “Não sei quem é”, Antonio disse a si mesmo. “Ei, vocês aí, venham para perto de casa”, gritou para Corrian e os amigos.

De braços cruzados, Antonio olhou fixamente para a frente, enquanto o jipe parava. Quinze segundos se passaram até o veículo ir para o quarteirão acima, onde viviam os traficantes. Satisfeito, por ora, Antonio entrou em casa e parou perto da cristaleira. As cinzas da mãe estavam em uma urna branca no armário. “Mamãe, nós amaremos você sempre”, um dos filhos escrevera do lado de fora do estojo.

O HOMEM DA CASA bocejou. Estaria de pé às 5h30 para acordar os irmãos e preparar-lhes o café-da-manhã, antes de levá-los à escola. De lá, iria para o escritório. Compraria a comida para o jantar durante o intervalo do almoço. Sentou-se na beirada da cama. As contas continuavam lá, bem como a foto do garoto com os seus sonhos.

EM PRATOS LIMPOS

O primeiro sentimento de quem começa a fazer uma dieta rígida é o de revolta. Dá vontade de acabar com tudo. A começar pelo que tem na geladeira...